

.....

“Quando nasci já estavam inventadas todas as ideias para salvar o mundo. Só faltava salvar o mundo”.

ALMADA NEGREIROS

“... julgo que a produção cultural contemporânea está bastante à margem daquilo que iria ao encontro da indisfarçável inquietação que nos dói”.

A. ALÇADA BAPTISTA

Senhor Director da Revista MEDICINA INTERNA,
Caríssimo colega e amigo Barros Veloso,

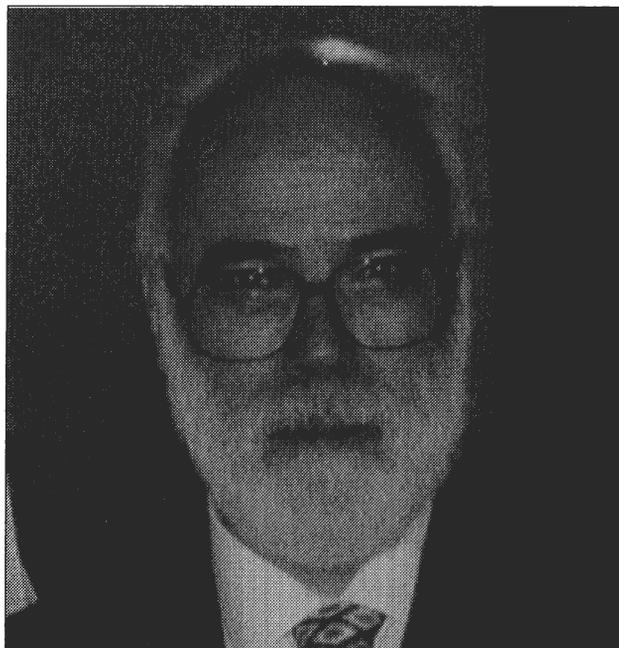
Cá estou, como (ref. n/ conversa telefónica) o pintor perante a tela virgem, debatendo-me com a obrigação de responder positivamente ao seu pedido-ordem de um editorial para mais um número da nossa revista — criança em cujo laborioso parto participamos, e que, com seu amparo, se desenvolveu e, quase sem gatinhar, deu os primeiros passos, se pôs de pé e começa a querer correr... Mal ela sabe que já os escolhos do mundo e da vida ameaçam envolvê-la, mas estou certo de que a “Sociedade”, cónscia das suas obrigações, a saberá defender e estimular.

Quanto ao conteúdo desse número da *Medicina Interna*, sabida a criteriosa exigência com que caminha para a decisão de publicar, deixemos que os leitores o usufruam e julguem.

Congratulemo-nos com a inauguração das instalações da nova e própria sede da S.P.M.I., cujo projecto-programa contempla, entre outros objectivos, o de propiciar adequadas condições de trabalho de direcção, redacção e edição da revista. Mas, fazer disso matéria de um editorial?

Talvez um editorial de médicos internistas e para médicos internistas não devesse deixar de sublinhar dois fenómenos recentes, de âmbito público, um, outro confinável (ou não) à comunidade médica.

Começando pelo segundo fenómeno, o entusiasmo crescente em relação a novas concepções e metodologias do exercício ou, melhor, da decisão no acto médico, quem sou eu para me pronunciar judiciosa e criticamente sobre o assunto? Por ora (desculpará o pretenciosismo) mais não poderia fazer que aconselhar a leitura dos dois artigos que o meu bom amigo e colega Barros Veloso acaba de publicar em importante semanário da nossa praça e em publicação também semanal distribuída aos médicos portugueses (aliás, bom seria que fossem recolhidos, esses artigos, na nossa revista). Em princípio, estaremos perante mais um modo de dizer daquela ambição de rigor científico que aprendemos a



cultivar para fundamentação do exercício da nossa arte.

O outro fenómeno a contemplar seria a apoteose dos meios de comunicação social sobre a alegada corruptibilidade de médicos e as reacções — aqui para nós, a meu ver, nem sempre as mais felizes — de diversas entidades tocadas.

Também cá para nós, arriscaria a avançar que coisas como essas indiciam que a sociedade começa a considerar os médicos como homens que, antes de mais, são. E que todos aproveitarão se os médicos forem considerados, apenas, como seres humanos, homens e mulheres que se dão ao alívio ou resolução do sofrimento dos outros, homens e mulheres permanentemente preocupados em preparar-se e manter-se preparados para o melhor exercício profissional da sua arte.

Nesta conformidade, compreenderá que eu continue como o tal pintor, passo à frente, passo atrás, perante a tela virgem — isto é, no caso, sem matéria que se justifique em editorial para um número da revista que o meu ilustre colega e bom amigo superiormente dirige.

Assim, subscrevo-me com amizade, não sem deixar claro que autorizo a divulgação desta carta, se isso achar conveniente... (Nesse caso, peço-lhe que mantenha, à guisa de epígrafe alógrafa, as citações que, entretanto, aponte na folha em que abri esta carta).

Porto, Fevereiro de 1998

Carlos Soares de Sousa